

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano VIII, Nº 252 - Volume XXVII - Porto Velho -
Abril/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÊ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

252



MÁQUINA TRIBAL ESPINOSA

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Universidade Federal de Alagoas-UFAL
Departamento de História
www.albertolinscaldas.unir.br
albertolinscaldas@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é o primeiro de uma série de textos sobre o conceito de “máquina tribal”. Aqui temos a introdução, a abertura, a instauração do ponto de vista e o ponto de partida que tem na ‘Ética’ de Espinosa sua matéria prima. Aqui a máquina tribal, pelos olhos de Espinosa, se vê, pois ela ainda é substância. O conceito inteiro de máquina tribal tem como horizontes, em seus desenvolvimentos, autores como Espinosa, Nietzsche, Foucault, Deleuze.

Palavras-chave: Máquina Tribal, Espinosa, Realidade, Método.

Abstract: This article is the first of a series of texts about the concept of “tribal machine”. Here we have the introduction, the opening, the implementation of the point of view and the start point that has on “ethic” of Spinoza your prime mater. Here the tribal machine, by the eyes of Spinoza, look herself, because she still is substance. The hole concept of tribal machine has for horizons, in your development, authors like Spinoza, Nietzsche, Foucault, Deleuze.

Key-Words: Tribal Machine, Spinoza, Reality, Method.

abertura

incipit: conceitos, nomes, qualificações, imagens, juízos, valores, opiniões, noções, idéias, palavras, motivos, filosofias, alegorias da máquina tribal:

pleroma, totalidade, absoluto, uno, multiplicidade, todo, universo, natureza, máquina, orbe, planeta, céu, terra, gaia, mundo, vida, colméia, formigueiro, alcatéia, cardume, rebanho, manada, espécie, civilização, cultura, população, povo, massa, sociedade, tribo, clã, família, linguagem, multidão, leviatã, bando, etnia, estado, nação, coletividade, comunidade, horror, existência, cristandade, europeu, ocidente, ocidentalidade, antroposfera, sociosfera, humanidade, homem, humano, ser humano, entrenós, realidade, substância, ser, senhor, deus, essência, deuses, matéria, energia, modo de produção, formação social, burguesia, capitalismo, estrutura, sistema, sistema social, inconsciente, inconsciente coletivo, isso, devir, vontade, vontade de poder, força, tempo, criação, espírito, idéia, logos, história, corpo, alma, matrix, mistério, enigma, destino, máquina tribal.

i

vários artificios impossibilitam ou dificultam o enfrentamento da máquina tribal: ciências, filosofias, “sentos comuns”, experiências, práticas (inescapavelmente metafísicas, escolásticas e platônicas): ao não enfrentarem os círculos viciosos, as contradições sem mediações, as tautologias cancerígenas, os conceitos sempre transcendentais, as teorias funcionais pra própria máquina tribal, o “caráter” paradoxal da sua “forma de existência” [existência invertida e inversora], isto é, não ter forma, mas infinidade de redes vivas, transversais em movimentos múltiplos, imaginários de forças em relações e jogos complexos e profundamente simples em suas regras, onde um “dentro” e um “fora” atuam com todas as potências, por essa inexistência radical, num se-pôr teórico sempre integrado, as ciências [por

gestarem basicamente “funcionais” q se esgotam no “mercado” e nos imaginários intumescidos] e filosofias [por gestarem “conceitos” q não conseguem nem podem conseguir escapar das tradições, lógicas e crenças q lhe dão suporte e sentido] apenas tocam em aspectos soltos, enquanto místicos, metafísicos, profetas, loucos, videntes, gritam ou sussurram alegorias explícitas monstruosas da máquina tribal, chamando-as desde deus, substância, ser, espírito, força, enigma, tradição, passando por humanidade, universo, natureza, até economia, sociedade, história, e isso se dá por eles enfrentarem as formas sem formas das “forças misteriosas”, das potências indefinidas, incalculáveis, incertas, o “mistério”, o “infinito”, o “absoluto”, o segredo disso “que nos faz e mantém”, isso q viscosamente nos faz fazer e continuar fazendo, essa “vaga que os invade”, experiência mística do “poder de deus” q não passa dos “poderes infinitos” da máquina tribal: como não conhecemos nem poderemos jamais conhecer ou dominar essas forças e como temos como “única certeza” o imediato, podemos sentir nos ossos, na carne, na pele, nos sonhos, no corpo inteiro, vibrando como cordas, pressentir em delírios, pensamentos, sistemas, filosofias, religiões aquilo q chamo máquina tribal, sempre com outros nomes o mesmo horror o mesmo sublime cru e cozido, mesmo dentro do monstro, é possível compreender nossa situação e falar dela.

a forma desse “existente” não é uma nem única, não é forma ou figura, mas formatações, forças em jogos q produzem as individualidades [máquinas contratuais: q produzem as produções e são sem ser a própria máquina tribal: produtores produzidos], suas relações, crenças, temporalidades, poderes, possibilidades, lugares, funções, reencaminhando tudo novamente na, pra e pela máquina tribal: es-feras de forças.

essa multiplicidade [abundância, variedade, maioria, multidão, pluralidade, superioridade: a mesma das mercadorias e das produções] líquida, gasosa e vítrea, ao não ser apreendida pelo mundo teórico q advém do mundo das mercadorias, servindo apenas de “ideologia”, “metafísica” ou “delírio”, torna-se cada vez mais transparente (mais mercadoria, mais dinheiro), cada vez mais científica, filosófica, religiosa, midiática – totalitária: a máquina tribal (podemos chamá-la também de “cristandade”, “capitalismo”, “ocidente”, sem o “orientes” como invenção da própria máquina tribal) chega a um momento crucial em sua hegemonia: inda pode ser “apreendida” por um desvio, um olhar loxográfico [uma loxografia inda é possível quando todo os desvios inda não foram reencaminhados ao mesmo, quando o mesmo inda não gestou todos os desvios: loxografia como um “... pequeno gesto que consiste em deslocar o olhar, ele torna visível o que é visível, faz aparecer o que é próximo, tão imediato, tão intimamente ligado a nós que, por esta razão, nós não o vemos.”]. as condições pra isso inda existem, atuando, gerando forças, formas, anomalias [nascendo da máquina tribal, sendo reaproveitada por ela, mas se movendo transversalmente]: a transparência inda não tomou conta de tudo. se houve um “momento sólido” da máquina tribal, se tamos num “momento gasoso” dito desde o “manifesto comunista” [“Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas, as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes mesmo de ossificar-se. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.”], já tamos há bastante tempo entrando numa zona totalitária transparente, duma coligação vítrea e, ao mesmo tempo, constitutivamente gasosa (porisso, talvez, a evidência da “máquina tribal”).

e voltamos aos fragmentos como estilo, forma, reflexão: a máquina tribal não pode ser tocada, vislumbrada, pressentida, por estruturas, modelos, sistemas, teses, escrituras duras, mas por iluminações, desvios, perturbações, contradições, torções, intuições, pulverizações, estilhaços: a compreensão da máquina tribal continua, cada vez mais, a pertencer aos poetas, místicos, loucos, videntes: só eles percebem, sentem o monstro imóvel, o monstro gasoso, o monstro viscoso e podem vislumbrar com horror o monstro vítreo, principalmente porq tudo q se diz torna-se caduco, incerto, inocente, inócuo, inoperante à medida em q é pronunciado. temos aqui os fragmentos rizomáticos resultantes da leitura intensa e extensa de nietzsche, espinosa, foucault e deleuze: esses fragmentos foram gerados dos choques entre a hermenêutica do presente (hobbes, rousseau, kant, hegel, stirner, marx, freud, heidegger, lukacs, jung, popper, sartre, merleau-ponty, wittgenstein, eliade, bachelard, barthes, durand, baudrillard, bauman), uma literatura enquanto “enfrentamento do horror” (“ulisses”, “crime e castigo”, “viagem ao fim da noite”, “morte a crédito”, “a metamorfose”, “o processo”, “o castelo”, “extinção”, “o naufrago”, “esperando godot”, “molloy”, “o rinoceronte”, “as brasas”, “o coração das trevas”, “juventude”, “lord jim”, “woytek”, “a morte de danton”, “moby dick”, “auto-de-fé”, “a morte de virgílio”, “o deserto dos tártaros”: com meus próprios livros de literatura), uma atividade acadêmica e a vida vivida num estado autoritário travestido de democrático, com um “povo” servil advindo duma massa de escravos, agregados, afilhados, letrados, funcionários públicos e sobreviventes sabidos de todos os tipos: tudo isso com uma vivência geral q funde e difunde esses fragmentos numa vida específica. os fragmentos trazem nitidamente as cicatrizes desses choques, desses encontros, bons e maus, e essas cicatrizes se chama, agora, “máquina tribal”.

ii

“(…) este livro é uma brincadeira, ele é uma brincadeira contra mim mesmo. Eu sou o homem que com a máxima ousadia descobriu o que já fora descoberto. (...) ele relata minhas obtusas aventuras em busca do óbvio. Ninguém pode considerar o meu caso mais ridículo do que eu mesmo o considero; nenhum leitor pode aqui acusar-me de tentar fazê-lo de bobo: o bobo desta história sou eu, e nenhum rebelde pode roubar-me o trono.”

Ortodoxia, Chesterton

inda sou parte dos fragmentos daquelas defuntas “gerações iluministas” q se alimentava da “singularidade” enquanto anomalia autônoma, pensando-se livre pra criar, pensar, “modificar o mundo”, restos duma volição doente confiante demais ante a ânsia do monstro, donde as forças principais partiam de certa razão, mesmo destroçada, mas mesmo assim inda elemento de suporte: forças imensas postas e dispostas pela máquina tribal pra realizar suas últimas configurações (burguesas, capitalistas). gerações q sobre-viveram a colonialismos, genocídios, guerras mundiais, campos de concentração de todas as democracias, liberalismos, fascismos, socialismos; a bombas nucleares, fomes, revoluções, explorações constitutivas em nome da liberdade e da igualdade q não passavam de movimentos totalitários da própria máquina tribal, regimes autoritários, ditaduras e redemocratizações mentirosas, subserviência, dormência e servidão voluntária das “massas”, do “povo”, “dos oprimidos”. “tempo histórico sócio-econômico” onde sumiram objetivamente todas as “condições reais”, políticas, duma mudança advinda não

apenas da sua necessidade, mas do poder autônomo do indivíduo, dos grupos: onde a idéia de revolução tomou seu verdadeiro sentido, q é o de mudança de mercadorias em sentido amplo e hegemônico. onde e quando os partidos políticos, as leis, os “movimentos populares” perderam sua aura de “vanguarda” ou poder explícito capazes de realizar sonhos, utopias, programas libertários ou igualitários [já não eram nem são necessárias essas crenças: o principal se realizou há muito tempo: a máquina tribal funciona independente dos delírios e com os delírios]. tempo onde a razão, a intuição, a criação, a educação, as idéias, a inspiração, o engenho, a revolta, a resistência tomaram seu legítimo lugar como estimulantes nas produções: foram pra isso q foram gestados.

porisso uma parte velha, caduca, anacrônica, esquizóide de mim mesmo, concorda muito pouco com o q escrevi sobre máquina tribal, ou concorda tanto q não quer concordar, intuir, sentir, perceber, aceitar. tento, por vários modos, ex-por algo q experimento, q vivencio, q faz parte do “meu mundo”, mas ao mesmo tempo, essa parte velha (forças empanzinadas q recusam vomitar), entende como “totalitarismo”, “autoritarismo”, “imperialismo”, “fascismo”, “horror”, além da medida, jaula monstruosa, ventre pegajoso e descomunal, e deseja q seja apenas “exercício intelectual”, erro de concepção, “desvio pessimista”, não alegoria do monstro onde eu mesmo taria como parte constitutiva, juntamente com o todos-nós no entrenós, sempre, num desmedido estômago intestino, com a boca e o ânus invertidos, construído por nós mesmos, principalmente porq isso entristece essa parte anacrônica, nos põe no campo espinosiano da tristeza, das forças reativas de nietzsche ou no q sempre chamamos “campo dos reacionários”, lugar desconfortável das ilusões autonomistas.

?“hipótese de trabalho”: ?exercício acadêmico: ?construção duma outra perspectiva, dum lugar de pensamento e ação: ?intuição: ?medo: ?momento de marasmo e desconfiança: ?ou alegoria grotesca de nós mesmos. ?alegoria sempre exposta por todas as metafísicas e físicas, por todos os conhecimentos e percepções. até as perguntas se in-dispõem em dúvida. discutir certas coisas parece nos carregar com elas, como nadar em águas q recuam violentamente. talvez ao “tudo dizer” devêssemos seguir o “nem tudo saber”, ou q algo deva mesmo ficar sem enfrentamentos: se olhamos o abismo perto demais ele também nos olhará fixamente e teremos q nos haver com dois abismos, dois cones invertidos esmagando um ponto, o quase isso q somos nós.

o ensaio “máquina tribal” são minhas redes de exercício onde desenvolvo conceitos, saberes, leituras, faço se chocarem noções, levo as últimas conseqüências idéias, sonhos, desejos, medos, ansiedades, conhecimentos: é como fui aprendendo a pensar, a ler, a escrever sobre a existência, os saberes, a política, o corpo, os desejos, os sentimentos, as paixões, as utopias: a “máquina tribal” é ensaio e motivo, chave, alegoria em exercício, unindo e separando minha própria atividade e pensamento, minha política e minha ética, meu pathos e minha hybris, meu pensamento e meu corpo, sendo descoberto por uma literatura pruma literatura.

“uma parte de mim” não quer q sejam reais ou verdadeiras nem as idéias, nem as imagens, nem os conceitos, mas a “realidade” da máquina tribal é, agora, forte demais, palpável demais pra não se tentar formular, em suas variantes e possibilidades, o horror. ?mas como saber. duma maneira ou doutra, crendo ou não [o q jamais importa pro q é escrito], escrevo, penso, articulo imediatamente, diretamente, quase cruamente, espinosa, nietzsche, foucault, deleuze e mais um monte de plagiados sem nome enquanto outros entram como vidraças, como fantasmas, como pedras. literatura e filosofia, política e vida, meu corpo, meu tempo, meu pensamento. !coisas da máquina tribal.

preposição

ponto de partida: máquina tribal: idéia simples: não o saber, o poder, a subjetividade, a sociedade, a história, a natureza: não podemos começar de nenhuma "espécie de novelo", de "conjunto multilinear", nenhum "sistema homogêneo" nem "sistema heterogêneo": nem objeto, nem sujeito, nem linguagem: linhas q se aproximam e se afastam, em equilíbrio e desequilíbrio não fazem parte do ponto de partida: no ponto de partida não há forquilhas, enforquilhamentos, forcas, o q seria se entregar a um ponto de partida enquanto totalidade, enquanto poder, o q fende sendo não fendido, caindo no totalitarismo da totalidade, crendo num todo: todos os elementos, todas as dimensões, todas as fontes, idéias, torções estão no ponto de partida e só dele e com ele podem conquistar sentido: o simples é a totalidade camuflada, o nódulo imaginário de todas as forças, a torcida de todas as crenças: as crises, as "cadeias variáveis", os "fatos históricos", as idéias, as experiências, as crenças só podem ser pensadas depois do ponto de partida "máquina tribal", ou se deve acreditar q o conceito "existe", lateja no imediato: o inverso é deformação dos saberes diante e dentro dos poderes crus e funcionais da máquina tribal: começar da máquina tribal é poder ver a máquina tribal sem se abismar nos delírios da própria máquina tribal: as "linhas móveis", as "linhas de fratura", as fissuras da linha só permitem entrever e se vemos nos perdemos nos saberes da fratura, nas fraturas dos saberes, fraturas dos poderes, nas funções das fragmentações longe de onde elas podem atingir: o loxográfico é apenas momento de "intuição", entrevista, mas o ponto de partida não pode continuar sendo loxográfico, fragmentário, fendido, bifurcado: entrevisto, posto como simples, se basta, basta pra iniciar a seqüência: ao contrário, se continua sendo presa da fragmentação de poderes em saberes, em vez da potência de poder, instaurar uma idéia simples: o ponto de partida não é cartográfico, geográfico, não é espacial ou temporal, não é histórico: o histórico não pode dar conta do ponto de partida porq o histórico é dimensão necessária, funcional da máquina tribal, isto é, maneira de compreender a partir de determinado momento, invenção da máquina tribal: o espacial não pode dar conta da máquina tribal porq todos os lugares, todos os espaços decorrem da máquina tribal: produções de produções fora dos terrenos subjetivos q se dizem objetivos, concretos, científicos: reificações conceituais, fetichismos das idéias, ideologias, imaginações delirantes q tomam o lugar do corpo no imediato numa atuação reflexiva q parte da máquina tribal, não das suas projeções, justificações, funcionalidades, loquazes pontos cegos, todas aparecendo como ciência, filosofia, saberes bem enalacrados em seus poderes: porisso também não é econômico, político ou antropológico: os saberes e suas proliferações advém das produções imaginárias da máquina tribal, advém dos seus pontos de partida estrategicamente distantes demais da máquina tribal: a lógica de saber q instauram parte de seu isolamento, não da sua funcionalidade, isto é, da sua inserção na máquina tribal: não podem enfrentar sua cruel existência: a política, a politização, são legítimas atuações da máquina tribal: fazem parte do seu funcionamento, jamais da reflexão da sua presença: a politicidade é a cidadania dos conceitos, sua normalidade, não sua compreensão: no ponto de partida não há "curvas de visibilidade", q são dadas por saberes, nem "curvas de enunciação", q se dão dentro pensando q se dão fora da enunciação dos saberes por não saberem a máquina tribal: são ingênuos por se pensarem poderosos, quando esse poder advém não duma "potência", mas dos poderes de saberes bem estabelecidos, de posições de saber bem protegidas: o ponto de partida não advém nem das

“máquinas de fazer ver” nem das “máquinas de fazer falar”: ver e falar advém da máquina tribal: não podem nem ver nem falar a máquina tribal sem a máquina tribal: a máquina tribal não pode ser iluminada: daí sua “forma de existência” anti-iluminista, medieval, cristã, corporal: nada pode iluminar a máquina tribal: os iluminismos são platônicos: a máquina tribal não é caverna, não é o povo q precisa ser iluminado, não são “instituições públicas” q precisam ser sanadas, não é universo q precisa ser transformado em matéria prima: a máquina tribal não são escravos q alimentam a fogueira e alimentam os senhores amarrados na caverna platônica, muito menos os senhores amarrados a espera do iluminista, dum electricista, dum revolucionário, dum pastor, dum burocrata, dum consumista ávido de luzes: muito menos a luz da razão: luz q vê e faz ver o q se projeta como luz e sombra: luz das igrejas, luz das prisões, dos asilos, das salas de aula, luz dos campos de concentração e seus “regimes de luz”, com suas chegadas e partidas, seus aparecimentos e desaparecimentos, suas arquiteturas, seus planos, suas idéias, suas políticas, suas estéticas, suas éticas e morais, seus desesperos, angústias, solidões: a luz da razão é a mesma q pende dos lugares da tortura: a máquina tribal não se denuncia pelas luzes q ela mesma cria e descreia nas suas produções: porisso mesmo os “regimes de enunciação” não enunciam a máquina tribal, mas é a máquina tribal q enuncia ou cala, define, gera, faz funcionar ou destrói os “regimes”: instaura sujeito e objeto, relações, derivações, comanda o visível e o invisível, os dentro e os fora, os tempos, os vazios pra gestarem as mutações, as crises pra forçarem limpezas étnicas, econômicas, sociais, políticas, as formas da paz e as guerras: a máquina tribal não é “causa primeira” apenas no sentido de não ser um ser, uma causa, uma substância, uma central, uma entidade, mas devires em jogos formatados formatadores, o entrenós em rituais, em programas q funcionam como totalidade em redes, em ondas, dando unidades provisórias e imediata às máquinas contratuais q em suas práticas criam a sensação de totalidade, de deus, de matéria, de natureza, de sociedade, de humanidade, de ocidentalidade, de máquina tribal, o “espírito da colméia”, o “espírito do povo”, a “nação”: e cada manifestação tem um corpo, uma vida, uma interioridade, um sistema de crenças, uma série ativa q atravessa de cima abaixo a máquina tribal: o vespeiro sente, o formigueiro é alérgico, a manada percebe, a colméia presente, o cardume age e sobrevive: a máquina tribal são redes finas de forças de todos os tipos, potências em ação, virtualidades em gomos rituais, torções rítmicas q dirigem tudo pra reprodução do mesmo com as devidas diferenças, funcionais sempre, sempre interessadas em serem mais, melhores, se perpetuar, se reproduzir, se expandir com mais e mais potência: tudo se toca, tudo cria tudo, tudo é violentamente afetuoso: forças gerando forças, retificando forças, impondo forças, aumentando, diminuindo, destroçando forças, sem cessar se interpenetrando, inscrevendo em carne, em atividade, em relações, em vida: no imediato do presente as forças rolando em programas de potência criam o real, tocam uma nas outras, chamam, clamam em rimas todos os pontos imaginários do passado e do futuro pra sua realização, efetivação ativa, guerrilha virtual gestando o concreto sem antes e sem depois: toda essa guerra de produções da efetividade é a máquina tribal: máquina imaginária, dispersa, real, invisível, evidente, indivisível, múltipla, objetiva, potente, una, inescapável, identitária, efetiva e monstruosa máquina de sobrevivência, de ampliação de poderes, das produções da vida q é ela mesma também: acreditamos sempre já haver chegado ao porto, deitados numa cama quente num hotel de terceira, mas estamos sempre amarrados sobre “moby dick” segundos antes de mais um profundo mergulho no abismo: nenhuma ciência ou filosofia, muito menos religião, pode nos dar esse porto, esse hotel, esse quarto, um sono tranqüilo: a máquina tribal moby dick permite apenas

momentos de respiração filosófica, e depois novamente o precipício, o q se precipita: o horror q é a máquina tribal, tão vista, tão pressentida, mas nunca levada em consideração: não há o fora, o dentro, o antes nem o depois da máquina tribal: é com ela q temos q nos haver pra compreender a existência, a nossa existência: não podemos transpor a máquina tribal e suas redes vivas de forças, de programas, de rituais: é a partir dela, não dos seus delírios de proteção, reprodução, reforço e produção, isso antes q ela rapte isso pra ela mesma (e quem faz tudo não é “ela”, mas alguém, uma máquina contratual q sente, percebe, individualiza, é forçado a fazer por “si mesmo” a inclusão).

máquina tribal espinosa

i

um sistema como o de espinosa na “Ética” [q articula e desenvolve “todos os elementos da existência e da essência”, um “ethos”, um “pathos”, um “logos” (?fora da retórica), da extensão e do pensamento, deus, sociedade, corpo, conhecimento, sentimentos, crenças, políticas] não pode nem ser aleatório nem apenas mais uma subjetividade delirante criando uma densa “visão de mundo” [há muitas do tipo, mas nenhuma tão compacta, minuciosa, extensa e profunda]. porisso se torna apta a ser raptada, infestada desde dentro [esse rapto é apenas parcial, mas deve ser total pra se ter uma idéia de quanto a “Ética” (1983) é o campo ideal pruma compreensão, com “espírito de finura”, do “espírito geométrico” da máquina tribal, das suas pretensões, da sua “psicologia sociodemonazifascistacristã”, dos seus imaginários adoecidos, da sua “vocação imperialista”, totalitária, genocida, esquizóide], pra se tornar e expor uma alegoria radical como a da máquina tribal: a “Ética” se torna um corpo onde substituímos deus, substância, natureza, conforme a conveniência, por “máquina tribal” pra ver o q surge, quais efeitos, quais iluminações, quais transversais, quais delicadezas, quais deslizamentos, quais sutilezas, quais compreensões, quais articulações reveladoras “antes do começo”. na “Ética” espinosa costurou [num momento e num lugar cruciais, num cruzamento filosófico e científico, político e social cruciantes] todos os existentes, todas as existências, essências, sentimentos, paixões, idéias, conceitos, políticas, corpos, almas, tempos, liberdades, movimentos, formas, visões num mesmo tecido chamado deus, onde todo o resto seriam atributos e suas “afecções”: tal intuição, tal magnitude de propósito deve se fundar, como todas as outras sensações e intuições de totalidade, em “algo”, no caso, àquilo q chamo máquina tribal.

ii

- *. a máquina tribal “existe por si” e “por si é concebida”: é conceito q “não carece do conceito de outra coisa”.
- *. “Por atributo [pensamento/extensão] entendo o que o intelecto percebe da” máquina tribal “como constituindo a essência dela”.
- *. “Por modo entendo as afecções da” máquina tribal.
- *. por máquina tribal entendo o “ente” q existe como “absolutamente infinito”, isto é, uma “substância que consta de infinitos atributos”.

- *. a máquina tribal é “livre”, isto é, “existe exclusivamente pela necessidade da sua natureza e por si só é determinada a agir”: “existe livremente embora exista necessariamente, porque existe pela única necessidade da sua natureza”: a liberdade consiste na “livre necessidade”, não na “decisão livre”: a liberdade não é “propriedade do sujeito”, mas “estado” da máquina tribal, logo, de cada ente por ela formatado.
- *. pro conhecimento da máquina tribal é preciso conhecer as causas e entender q o conhecimento dos efeitos depende desse conhecimento: como todo conhecimento advém da máquina tribal, tanto a ciência quanto a filosofia, como qualquer outra maneira de conhecer, são maneiras de conhecer determinadas pela máquina tribal: não é por ser científico ou filosófico, religioso ou senso comum q uma idéia é verdadeira ou falsa, q uma coisa seja real ou irreal: todas são partes da máquina tribal e aquilo q dá estatuto de verdade ou realidade é a operacionalidade na máquina tribal.
- *. a máquina tribal tem “precedência produtora em relação à coisa produzida”: a máquina tribal é “por natureza anterior às suas afecções”, as suas modificações, as suas forças formatadoras, produtivas, reprodutivas, protetoras, circuladoras: não “anterioridade no tempo ou prioridade lógica, mas como precedência da atividade produtora em relação à coisa produzida”.
- *. pra máquina tribal não há outra máquina tribal: ela é a “única substância”: e tudo aquilo q possa se parecer com outra máquina tribal deve ser incorporado ou destruído, demonstrando objetiva e teoricamente q só deve haver uma e como uma “substância não pode ser produzida por outra substância”, a máquina tribal só surge quando já é e passa a produzir não apenas suas “origens”, mas a existência e os existentes: quando ela afirma sua identidade, suas forças, seus elementos como constitutivos de si mesma.
- *. a máquina tribal é infinita: não apenas seus imaginários são sempre infinitos, como exigem sempre a infinitude, são sempre totais e totalitários, mas sua ação vital expansiva, virótica, é objetivamente a duma máquina sem fim, circular, única, devoradora de todas as diferenças como erros, deformações, barbarismos, simplismos: é “pela própria natureza” da máquina tribal q ela é assim, se transforma assim: não pode ser verdade pra máquina tribal, não pode ser possível, logo não é, q a máquina tribal queira ou possa se autolimitar ou aceitar outras máquinas tribais, ou diferenças equivalentes a si mesma: suas limitações se devem a sua própria natureza e não são limites, mas o inda não envolvido.
- *. a máquina tribal não pode ser considerada como um indivíduo com seus afetos: tudo q diz respeito aos “homens” advém da máquina tribal, logo, não desvenda a máquina tribal, mas o contrário é verdadeiro: as causas pela qual alguém existe tão contidas na máquina tribal, não nele, q expressa apenas as forças formativas im-postas na sua existência.
- *. nada é mais evidente do q a máquina tribal.
- *. “Atributo é o que o entendimento percebe” da máquina tribal. todos os atributos q a máquina tribal “possui sempre nela existiram simultaneamente, nenhum podia ser produzido por outro e cada um deles exprime a realidade, ou, por outras palavras, o ser” da máquina tribal.
- *. é forçoso “definir o ente” máquina tribal “como o ente que consta de infinitos atributos”.

- *. "Se alguém agora perguntar por que sinal é possível discriminar a diversidade das" máquinas tribais, deve compreender q "existe uma única" máquina tribal e que, "portanto, de balde se procurará tal sinal".
- *. a máquina tribal "... que consta de infinitos atributos, existe necessariamente. ... Existe necessariamente aquilo de que não é dada qualquer razão ou causa que lhe impeça a existência. Se não pode ser dada qualquer razão ou causa que impeça que" a máquina tribal "exista ou que lhe iniba a existência, é absolutamente forçoso concluir que existe necessariamente. ... A razão ou causa que iniba a existência" da máquina tribal "não pode existir fora da mesma" máquina tribal, "é forçoso concluir que essa causa se dá na própria" máquina tribal. nem na máquina tribal, nem fora da máquina tribal, "não é dada a causa ou razão alguma que lhe iniba a existência, pelo que" a máquina tribal "existe necessariamente".
- *. "Não ter poder para existir é impotência ... ser capaz de existir é potência". existimos enquanto entes finitos "noutra coisa que existe necessariamente", um "ente absolutamente infinito, isto é", a máquina tribal. "Se o poder existir é potência, segue-se que quanto mais realidade é própria da natureza de alguma coisa tanto mais potencialidade ela tem em si mesma para existir; por isso, o ente absolutamente infinito, isto é", a máquina tribal, "tem em si mesma o poder absolutamente infinito de existir, pelo que ela existe absolutamente".
- *. a máquina tribal "não pode ser produzida por nenhuma causa externa. ... As coisas que são feitas por causas externas ... devem tudo o que tenham de realidade ou de perfeição à eficácia (*virtus*) da causa externa, e conseqüentemente a existência delas tem origem exclusivamente na perfeição da causa externa e não na que lhes é própria". a existência da máquina tribal resulta "exclusivamente da natureza que lhe é própria, a qual não é mais do que a própria essência dela. ... Não pode haver para nós existência alguma de que sejamos mais certos do que a" da máquina tribal.
- *. "Não pode conceber-se, verdadeiramente, qualquer atributo" da máquina tribal "do qual resulte que a" máquina tribal "pode ser dividida".
- *. "coisa pensante" (pensamento) e "coisa extensa" (extensão) são atributos da máquina tribal, ou afecções dos atributos da máquina tribal.
- *. "Afora" a máquina tribal, "não pode ser dada nem ser concebida nenhuma" outra máquina tribal. a máquina tribal é única. "Tudo o que existe, existe" na máquina tribal, e "sem" a máquina tribal "nada pode existir nem ser concebido". a máquina tribal é "causa eficiente de todas as coisas", porisso, a máquina tribal "é causa de si, e não por acidente".
- *. a máquina tribal "age somente segundo as leis da sua natureza, sem ser constrangido por ninguém". "... fora dela não pode existir coisa alguma". só a máquina tribal "é causa livre". "Há quem julgue que" a máquina tribal "é causa livre porque ... pode fazer que as coisas que ... resultam da sua natureza ... se não façam ... não sejam produzidas por ele". isso "É um absurdo".
- *. a máquina tribal "é causa da essência e da existência do nosso intelecto".
- *. a máquina tribal "é causa imanente de todas as coisas, e não causa transitiva". "Tudo o que existe" na máquina tribal "deve ser concebido" pela máquina tribal.

- *. "A existência" da máquina tribal "e a sua essência são uma e a mesma coisa. ... cada uma dos seus atributos exprime a existência. ... aquilo que constitui a essência" da máquina tribal "constitui ao mesmo tempo a sua existência".
- *. "De uma dada causa determinada segue-se necessariamente um efeito; se não existe qualquer causa determinada, é impossível seguir-se um efeito. ... O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve-o".
- *. a máquina tribal "não só é causa por que as coisas começam a existir, senão também de que perseverem na existência".
- *. "... quer as coisas existam, quer não existam, todas as vezes que lhe considerarmos a respectiva essência reconheceremos que esta não envolve a existência nem a duração; ... a essência delas não pode ser causa nem da sua existência nem da sua duração, mas somente" a máquina tribal, "à natureza do qual pertence o existir".
- *. a máquina tribal "não é somente causa eficiente da existência das coisas, mas também da essência delas. ... As coisas particulares não são mais que afecções dos atributos" da máquina tribal, "modos pelos quais os atributos" da máquina tribal "se exprimem de maneira certa e determinada. ... Uma coisa que é determinada a qualquer ação foi necessariamente determinada a isso" pela máquina tribal.
- *. "Qualquer coisa singular, ... não pode existir nem ser determinada à ação se não é determinada a existir e a agir por outra causa, a qual é também finita e tem existência determinada. ... Tudo o que é determinado a existir e a operar é como tal determinado" pela máquina tribal, "... pois nada existe além da" máquina tribal "e dos modos, e os modos não são senão afecções dos atributos" da máquina tribal.
- *. a máquina tribal "é causa próxima, absolutamente, das coisas produzidas imediatamente por" ela. "... tudo o que existe existe" na máquina tribal "e depende" da máquina tribal.
- *. na máquina tribal "nada existe de contingente; antes, tudo é determinado pela necessidade da natureza" da máquina tribal "a existir e a agir de modo certo. ... Tudo o que existe existe" na máquina tribal. "... não se pode dizer que" a máquina tribal "é coisa contingente, visto existir necessariamente e não de maneira contingente. Além disso, os modos da natureza" da máquina tribal "são também consequência necessária e não contingente, da própria natureza" da máquina tribal. a máquina tribal também é causa dos modos "enquanto eles são considerados como determinados a produzir seja o que for".
- *. " ... não existem quaisquer outras afecções além das que existem" na máquina tribal.
- *. "A vontade, assim como o intelecto, é somente um certo modo de pensar; ... cada volição não pode existir nem ser determinada a agir se não for determinada por outra causa, esta por uma outra, e assim sucessivamente, ao infinito. Se se supuser que a vontade é infinita, ela deve também ser determinada" pela máquina tribal "a existir e a agir", não podemos chamá-la "causa livre, mas somente causa necessária ou forçosa". ... a máquina tribal "não efetua coisa alguma por liberdade da vontade". Não "se pode dizer que" a máquina tribal "age pela liberdade da sua vontade".

*. "As coisas não podiam ter sido produzidas" pela máquina tribal "de maneira diversa e noutra ordem do que a que têm. ... todas as coisas são resultante necessária da dada natureza" da máquina tribal "e são determinadas pela necessidade da natureza" da máquina tribal "a existir e a agir de certo modo. ... se as coisas tivessem podido ser de outra natureza ou determinadas a agir de modo diverso, ..." a máquina tribal "... também poderia ser ... de natureza diferente do que é presentemente, o que é absurdo".

*. a máquina tribal "nunca teve nem jamais pode ter decisões diferentes, ... a máquina tribal "não existe anteriormente às suas decisões nem sem elas pode existir. ... as coisas não podiam ter sido produzidas" pela máquina tribal "de outro modo nem noutra ordem".

*. "A potência" da máquina tribal "é a sua própria essência. ... Tudo o que existe exprime de modo certo e determinado a natureza ou essência" da máquina tribal.

*. "... as noções com que o vulgo costuma explicar" a máquina tribal "são somente modos de imaginar, as quais nada dão a saber acerca da natureza do que quer que seja, apenas sobre a constituição da imaginação. ... as leis da natureza" da máquina tribal "foram assaz amplas para bastarem à produção de tudo o que pode ser concebido".

iii

*. "Por corpo entendo um modo que exprime, de uma maneira certa e determinada, a essência" da máquina tribal.

*. "Por realidade e por perfeição entendo a mesma coisa".

*. "... um determinado corpo é afetado de muitas maneiras".

*. "O pensamento é um atributo" da máquina tribal; "por outras palavras," a máquina tribal "é uma coisa pensante. ... Os pensamentos singulares, isto é, este ou aquele pensamento, são modos que exprimem a natureza" da máquina tribal "de uma maneira certa e determinada".

*. a máquina tribal "é uma coisa pensante ... um ser infinito pensante". Também "... a extensão é um atributo" da máquina tribal; "por outras palavras," a máquina tribal "é uma coisa extensa".

*. a máquina tribal "pode pensar coisas infinitas em infinitos modos".

*. "... o que está na potência" da máquina tribal "existe necessariamente".

*. a máquina tribal "age em virtude da mesma necessidade pela qual se compreende a si mesma, que do mesmo modo que se segue da necessidade da natureza" da máquina tribal que a máquina tribal "se compreende a si mesma, ... segue-se igualmente, com a mesma necessidade, que" a máquina tribal "produza coisas infinitas, numa infinidade de modos ... a potência" da máquina tribal "não é senão a essência ativa" da máquina tribal.

*. "A ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas". a máquina tribal "pensante e a" máquina tribal "extensa são uma e a mesma" máquina tribal, "compreendida ora sob um atributo, ora sob outro. ... quer concebamos a" máquina tribal "sob o atributo da extensão, quer sob o atributo do

pensamento, quer sob outro atributo qualquer, encontraremos sempre uma só e a mesma ordem, ... uma só e a mesma conexão de causas, ... encontraremos sempre as mesmas coisas seguindo-se umas das outras”.

*. “... as coisas singulares não existem, a não ser enquanto compreendidas nos atributos” da máquina tribal.

*. “À essência do homem não pertence o ser da” máquina tribal; a máquina tribal “não constitui a forma do homem. ... Efetivamente, o ser da” máquina tribal “envolve a existência necessária; portanto, se o ser” da máquina tribal “pertencesse à essência do homem, dada a” máquina tribal, “também o homem seria necessariamente dado e, conseqüentemente, o homem existiria necessariamente, o que é absurdo. ... não há duas” máquinas tribais “da mesma natureza. Ora, uma vez que podem existir vários homens, o que constitui a forma do homem não é, portanto, o ser da” máquina tribal. “... a essência do homem é constituída por certos modos dos atributos” da máquina tribal [os “homens” são afecções: marcas, sintomas, lesões, alterações, impressões, sinais, senhas, indícios, forças, rituais, ações, manifestações, modificações, increspações, in-fecções, ondas, denúncias, revelações da máquina tribal]. “Ela é, portanto, qualquer coisa que existe” na máquina tribal “e que, sem” a máquina tribal, “não pode nem existir nem ser concebida, ou seja, uma afecção ou um modo que exprime a natureza” da máquina tribal “de uma maneira certa e determinada”.

*. “... tudo o que acontece no objeto de uma idéia qualquer existe necessariamente conhecimento na” máquina tribal, “enquanto ela é considerada como afetada pela idéia desse objeto, enquanto ela constitui a alma de qualquer coisa. Portanto, de tudo o que acontece no objeto da idéia que constitui a alma humana existe necessariamente conhecimento” na máquina tribal, “enquanto ela constitui a natureza da alma humana”.

*. “O objeto da idéia que constitui a alma humana é o corpo, ou seja, um modo determinado da extensão, existente em ato, e não outra coisa. Se o corpo não fosse o objeto da alma humana, as idéias das afecções do corpo não existiriam” na máquina tribal “enquanto ela constitui a nossa alma, mas enquanto ela constituísse a alma de uma outra coisa. ... temos as idéias das afecções do corpo”.

*. “... um indivíduo composto pode ser afetado de muitas maneiras. ... cada uma das suas partes é composta de vários corpos”.

*. a máquina tribal “inteira é um só indivíduo cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras”.

*. “... o corpo humano é composto de um grande número de indivíduos (de natureza diversa), cada um dos quais é também muito composto. ... os indivíduos que compõem o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados de numerosas maneiras pelos exteriores. ... há necessariamente” na máquina tribal “a idéia de cada um dos indivíduos que compõem o corpo”.

*. “... a alma humana percebe a natureza de um grande número de corpos ao mesmo tempo que a do seu próprio corpo”. segue-se q “as idéias que nós temos dos corpos exteriores indica mais a constituição do nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores”.

*. “Se o corpo humano foi, uma vez, afetado por corpos exteriores, a alma humana poderá considerar esses corpos como presentes, embora eles já não existam nem estejam presentes”.

- *. "... a verdade é norma de si mesma. ... nossa alma, enquanto percebe as coisas verdadeiramente, é uma parte da inteligência infinita" da máquina tribal; "por conseqüência, é tão necessário que as idéias claras e distintas da alma sejam verdadeiras, como as idéias" da máquina tribal.
- *. "É da natureza da Razão considerar as coisas não como contingentes, mas como necessárias. ... depende apenas da imaginação que representemos as coisas como contingentes, quer em relação ao passado, quer em relação ao futuro. ... essa necessidade das coisas é a necessidade mesma da natureza eterna" da máquina tribal.
- *. "... as coisas singulares não podem ser concebidas sem" a máquina tribal. "... embora cada uma seja determinada por outra coisa singular a existir de uma certa maneira, no entanto, a força pela qual cada uma persevera na existência resulta da necessidade eterna da natureza" da máquina tribal.
- *. "... quer se considere uma coisa como parte ou como um todo, a sua idéia, seja ela a do todo ou da parte, envolverá a essência eterna e infinita" da máquina tribal. "Portanto, o que dá conhecimento da essência eterna e infinita" da máquina tribal "é comum a todos e existe igualmente em cada parte e no todo, e, por conseqüência, esse conhecimento será adequado".
- *. "Na alma não existe vontade absoluta ou livre; mas a alma é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que também é determinada por outra ... assim até o infinito".

bibliografia

- Boutroux, Émile. **Exposição da Doutrina de Spinoza Sobre Liberdade**. in Fragoso, Emanuel A. da Rocha, Spinoza: Cinco Ensaio. Eduel, Londrina, 2004.
- Chauí, Marilena. **Linguagem e Liberdade: O Contradiscorso de Baruch Espinosa**. in DA REALIDADE SEM MISTÉRIOS AO MISTÉRIO DO MUNDO. Brasiliense, São Paulo, 1981.
- _____. **Espinosa: Uma Filosofia da Liberdade**. Moderna, São Paulo, 1995.
- _____. **A Nervura do Real**. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
- _____. **Política em Espinosa**. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.
- Deleuze, Gilles. **Espinosa e os Signos**. Rés, Porto, 1989.
- _____. **Espinosa: Filosofia Prática**. Escuta, São Paulo, 2002.
- Espinosa, Baruch de. **Pensamentos Metafísicos**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, tradução de Marilena de Souza Chauí, São Paulo, 1983.
- _____. **Ética**. Ediciones Orbis, Introducción, traducción y notas de Vidal Pena, Madrid, 1980.
- _____. **Ética**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, tradução de Joaquim de Carvalho, São Paulo, 1983.
- _____. **Ética**. Edições de Ouro, tradução de Lívio Xavier, Rio de Janeiro, s/d.
- _____. **Ética**. Martin Claret, tradução de Jean Melville, São Paulo, 2003.
- _____. **Ética**. Autêntica, tradução de Thomaz Tadeu, Belo Horizonte, 2008.
- _____. **Tratado Político**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, São Paulo, 1983.
- _____. **Correspondencia**. Alianza, Madrid, 1988.
- _____. **Tratado Breve**. Alianza, Madrid, 1990.

- _____. **Tratado Teológico–Político**. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- _____. **Tratado da Reforma da Inteligência**. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- Hobbes, Thomas. **Leviatã**. Abril Cultural, São Paulo, 1974.
- _____. **Do Cidadão**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Levy, Lia. **O Autômato Espiritual**. L&PM, Porto Alegre, 1998.
- Martins, André. **O mais Potente dos Afetos: Spinoza e Nietzsche**. WMF/Matins Fontes, São Paulo, 2009.
- Ramond, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. Martins Fontes, São Paulo, 2010.
- Rizk, Hadi. **Compreender Spinoza**. Vozes, Rio de Janeiro, 2006.
- Teixeira, Lívio. **A Doutrina dos Modos de Percepção e o Conceito de Abstração na Filosofia de Espinosa**. Unesp, São Paulo, 2001.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A RAZÃO GULOSA: Filosofia do Gosto

MICHEL ONFRAY
Rocco

RESUMO: O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

SUMÁRIO: Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

Áreas de interesse: Filosofia, Gastronomia, Hedonismo.

Palavras-chave: Filosofia, Culinária, nutrição, Comportamento Humana

LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science& Technology Consortium
www.istec.org

Educação no exterior
www.fastweb.com

Línguas
www.weblinguas.com

downloads
www.downloads.com

www.superdownloads.com.br

www.tucows.com

www.zdnet.com/downloads

Arte
www.mundodaarte.com.br

Picasso
www.clubinternet.com/picasso

Literatura de Cordel
www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html